

Imprensa: títulos

Experiência textual da artista e pesquisadora
Letícia Cobra Lima com os títulos jornalísticos das
reportagens publicadas na imprensa sobre a 33ª
Bienal de São Paulo

Versão 3

Feriado super prolongado e só fica em casa quem quer. A cidade está pulsando. A cidade respira arte. Por se tratar de um evento gigantesco e que mexe com toda a cidade, se faz necessário um distanciamento para entender o que a curadoria pretendia. Exageros à parte, os olhares do mundo das artes visuais se voltam para o Brasil. Há 400 bienais no mundo e esta é a segunda. Temos que ter bem claro como vamos contribuir com o mundo. Mostra faz gesto a favor da capacidade de perturbar por meio do que ainda não se compreende. Por que ir à Bienal ou a qualquer outra exposição de arte contemporânea nos dias de hoje? Próxima pergunta. Bienal é retrato de uma produção artística que ficou no passado. A Bienal desse ano parece uma bela adormecida que não desperta para o debate e o conflito. Exercício narcisista de artistas-curadores cria mostras ao mesmo tempo sedutoras e desconectadas da realidade na Bienal de São Paulo. Dificuldades para alcançar os alinhavos sutis demais do curador. Os artistas homenageados são pouco conhecidos na América Latina, mas são expoentes de sua geração. A arte contemporânea já possui muitos mecanismos de autoexclusão. Muitos artistas latinos, quando morrem, têm os seus trabalhos esquecidos e precarizados. Diante dos ódios e da fragmentação, a arte se mantém soberana na sua capacidade de promover recuperação do alento. “Estou me sentindo muito bem aqui. Se toda sexta-feira fosse assim, eu morreria de felicidade”. Num Brasil polarizado como agora vivemos, a fragmentação da informação e a dificuldade de concentração levam à alienação e à passividade. Por que então ir à Bienal? A artista contou que aprendeu a responder perguntas fechadas com respostas abertas. Valor: Gratuita. Categoria: Se Joga.